

4 CRUZANDO OS DADOS

Quando observamos o livro didático como leitores experientes, formamos diversas associações a partir das informações visuais presentes nas páginas. Temos, como usuários que já experimentaram outras vezes aquele tipo de produto, uma predisposição, um horizonte de expectativas para o uso dos elementos impressos nas páginas da publicação. Um dos pontos-chave que fundamentou a análise aqui encerrada foi a necessidade de lançar um olhar de estranhamento sobre um objeto conhecido. Ao lançar tal olhar, como programadores visuais, podemos verificar de que formas as figuras que compõem o sistema de navegação daquele tipo de código operam com a linguagem visual, atingindo aí diversos objetivos. Assim, ao despir os elementos figurativos das significações predefinidas por experiências anteriores com aquele tipo de publicação, examinamos os elementos como unidades abstratas. Formalmente, desconstruímos o artefato e observamos o aspecto abstrato de sua composição. Percebemos que o livro didático é formado por figuras, dispostas sobre páginas, que se agrupam conceitualmente em unidades de conteúdo segundo as quais se organiza o sistema livro. Cada elemento disposto nas páginas ganha significação por sua repetição e pelas relações de semelhança e diferença que firma com seus pares, alinhando-se de acordo com um eixo e diferenciando-se de acordo com outro. Segundo a Gestalt, a percepção da relação entre os objetos se dá por uma gramática que passa pela própria percepção física que nossa visão traz do mundo. Os elementos visuais são percebidos e ligados visualmente seguindo regras que usamos para ler nosso entorno. Eles possuem forma, dimensão, proporção, relação entre o eixo que o estrutura e o ambiente que o abriga e cor. Logo, são formas às quais atribuímos significados a partir das relações apreendidas e convencionadas.

Cada publicação traz um sistema composto por elementos visuais. Relacionando tais formas com elementos da linguagem, podemos verificar que um sistema propõe uma gramática, e que seus elementos tem significação própria (semântica) e função dentro da composição (sintaxe). As imagens são categorizadas pela forma com aparecem e se relacionam, criando significações dentro do universo do livro, denotando relações e sinalizando a estrutura que organiza a publicação e o valor de cada uma das seções dentro do todo.

Desse modo, explica-se o tratamento dado para organizar a análise. Foram usados vários enfoques, tomando as páginas como imagens. Tomadas como imagens, vimos que tais páginas são compostas por elementos visuais, que possuem uma forma de relação sob o ponto de vista da obra como um todo, somada a outra forma de relação entre eles dentro de cada unidade-página. Do cruzamento desses dois enfoques é que surgirá para o sujeito-leitor o valor total daqueles elementos, que, tomando sua inscrição no sistema-livro, denotam valores a partir da relação formada por eles na página e no todo. Por outro lado, uma última etapa garante que tais imagens não precisem ser interpretadas para cada indivíduo. As imagens são confeccionadas tendo como base a representação de elementos presentes no universo visual do usuário.

Aí está o trabalho do designer junto ao livro didático. Ao utilizar suas competências para a organização da interface visual do objeto, o Design transmite os valores informacionais definidos pelos autores da obra, auxiliando no desenvolvimento das competências definidas para cada etapa do ensino. O Design trabalha elementos de comunicação, desenvolvendo uma linguagem, sendo esta produto de um projeto e surgindo com um propósito definido.

Nas semelhanças e diferenças entre as amostras de livros didáticos de língua portuguesa aqui estudados, podemos ver que a inserção do Design na confecção do objeto é passiva e ativa. Seu ponto de atuação junto ao desenvolvimento daquele projeto é influenciado pela estrutura do conteúdo da obra, sendo passivo neste sentido. Por outro lado, ao lidar com a resolução visual da obra, ao criar a interface do livro, o Design influi na construção de ordens de leitura e hierarquia informacional, sendo participante ativo da mediação do conteúdo ao incidir no uso que se faz da publicação.

Os livros analisados foram selecionados para trazer amostras de objetos bem avaliados pelo PNLD que legitima tal tipo de publicação e com uso bem difundido. Nessas duas condições repousou o interesse que definiu a seleção das três edições. Essas condições também denotam objetivos das análises realizadas. O primeiro é discutir o Programa Nacional do Livro Didático, mostrando o ponto de vista do Design como um ângulo necessário para a avaliação dos objetos e, ao cruzar os dados levantados com as avaliações realizadas, entender de que forma o projeto gráfico das edições é levado em conta no texto que auxilia os professores a escolherem os livros de sala de aula. O segundo é verificar de que forma os objetos disponíveis no mercado vêm sendo resolvidos visualmente de forma a atender as condições de projeto que o definem – principalmente aí o desenvolvimento

de competências nos alunos e sua análise frente ao roteiro de avaliação do PNLD.

O primeiro livro analisado, segundo a ordem aqui apresentada, foi o livro “Português Linguagens 7”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. De todas mostrou-se a coleção que possui a maior quantidade de imagens em suas páginas. Não apenas isso, mas a utilização de formas coloridas para a organização de informações periféricas preenche cada folha com uma diversidade de elementos visuais. Pelo sumário é a publicação que estrutura cada unidade em mais níveis hierárquicos. No entanto, tal subordinação entre as partes de conteúdo fica diluída pela diferenciação estética dos títulos que abrem cada parte – podem ser agrupados segundo semelhança de forma em vários eixos, mas que não condizem exatamente com sua posição na ordenação hierárquica das partes que representam. Sendo assim, o livro também é a publicação que traz a maior quantidade de informações visuais por página. As ilustrações, fotos, imagens de capas, cartazes, anúncios e tirinhas de quadrinhos estão presentes, com a maior parte correspondendo aos dois primeiros itens. Os demais itens são aplicados quando servem de base para trabalhos de interpretação ou com a linguagem. Além das vasta oferta de imagens, outro destaque do projeto gráfico desta coleção é a presença constante de *boxes* de informação. Na grande maioria das páginas elas estão presentes, ocupando geralmente de um sexto a um terço da área de conteúdo das folhas. Por vezes aparecem até três por folha, sendo impressas segundo um código cromático que define suas categorias em relação à função da informação trazida em cada tipo. As dimensões em que são aplicadas e suas posições nas páginas variam, ocupando geralmente os cantos da área de conteúdo. A inserção das fotos nessas *boxes* também chama atenção, uma vez que são aplicadas sempre sangrando uma ou mais bordas do quadro. As referências a outros suportes gráficos, de onde são extraídas reportagens, músicas, poemas, entre outros, concentram-se mais na reprodução do conteúdo textual que de características visuais que atendem para a representação da organização de conteúdo que muitas vezes define condições para o trabalho com o texto em cada canal. Anúncios, capas de livros ou DVDs e cartazes são aplicados em sua íntegra, mas em formato reduzido e muitas vezes sem a contextualização por um texto introdutório ou por qualidades gráficas.

O segundo livro analisado foi o livro 6 da série “Português – uma proposta para o letramento”, de autoria de Magda Soares. Sua análise na seqüência ilustra um contraste em relação à primeira amostra, uma vez que das três coleções é a que traz o menor número de imagens por página. Suas folhas trazem uma predominância de branco das áreas sem

impressão, fruto da presença de poucas formas e de grandes margens no projeto. Tal limpeza torna-se uma de suas principais características visuais. Ao contrário da edição anteriormente estudada, traz um sistema de marcação das unidades principais de conteúdo por cores. Também traz o sumário com menos níveis hierárquicos de divisão de conteúdo. Os títulos possuem pequena diferenciação, portanto, sendo agrupados em dois conjuntos, correspondentes a títulos principais – que introduzem os textos trabalhados – e títulos secundários – que introduzem as atividades que se desenrolam em torno deste texto. O grande destaque da coleção no entanto é justamente a referência a conteúdos extraídos de outros suportes. O tratamento dado aos fragmentos de reportagens de jornal, de revista ou mesmo de trechos de livros ou artigo traz remissões às configurações materiais que representam a ordem de leitura de cada suporte. Os extratos de jornais, por exemplo, tomam o cuidado de aplicar a reportagem na íntegra e reproduzir os fragmentos textuais utilizados conjugados com fotos, quando pertinentes, e mantendo as proporções e qualidades formais básicas da tipografia e diagramação ali encontrada – deixando claro o que é legenda, título, subtítulo e texto e fazendo clara referência formal à reprodução íntegra. Deste modo, é das três obras a que mostra maior preocupação no seu projeto gráfico em remeter as configurações materiais dos suportes representados e em reproduzir as relações estéticas que definem como cada suporte é pensado para seu público, levando ao usuário mais que o texto que repousa nas páginas de uma outra publicação, mas a simulação de como os elementos ligados a esse texto influem na produção de sentidos pelo leitor.

O terceiro livro analisado foi o livro 7 da coleção “Projeto Araribá – Português”, de autoria coletiva proposta pela Editora Moderna. Materialmente, traz uma diferença que acaba influenciando no seu sistema visual: possui dimensões bem maiores que as outras. Sendo assim, sua página permite um planejamento gráfico que trabalha com duas colunas na área de conteúdo, que variam de posição, mas pela diferença de proporção são claramente subordinada, sendo a maior destinada ao conteúdo principal e a menor destinada a informações secundárias. As bordas são trabalhadas com a inserção de uma moldura que usa um código de cor para relacionar cada seção de conteúdo na composição das unidades principais. A edição apresenta não apenas uma estrutura clara, com dois níveis hierárquicos, para organizar suas Unidades, como traz uma seção inicial que mapeia através de amostras das páginas as partes que compõem cada Unidade, como elas se apresentam visualmente e como organizam suas informações, bem como o objetivo de cada parte. O uso de uma forma geométrica – o retângulo de

cantos arredondados – como forma protagonista de todo o sistema gráfico é destacado, assim como sua função de denotar pertinência dos conteúdos a dada seção – pelo uso de molduras coloridas nas páginas – e esclarecer subordinações entre elementos textuais e títulos. A oferta de imagens em suas páginas é maior que a da segunda amostra e menor que da primeira. Elas são empregadas em boas dimensões na grande área de conteúdo. Esta também é a primeira coleção a pensar a disposição dos elementos tendo como base para seu posicionamento a dupla de páginas e não uma página sozinha. Sendo assim, há muitos momentos em que as imagens passam de uma página a outra, criando integração entre conteúdos e trazendo um novo uso para elas nas aberturas de seção – onde a imagem temática é usada como base para que o aluno construa narrativas a partir da sua observação. As ilustrações seguem um sistema que possui clara unidade estética e são aplicadas sem bordas, integrando-se ao fundo de página e aos conteúdos textuais. A publicação também faz uso de *boxes*, relacionando suas funções a variações de cor e forma. Elas, no entanto, aparecem em menor número e na maior parte das vezes na coluna reservada a conteúdos periféricos, fortalecendo a idéia de que tais conteúdos não são os principais e de que tal coluna não se presta ao posicionamento de elementos protagonistas do conteúdo pedagógico desenvolvido no livro. As referências a outros suportes não trazem as características gráficas das aplicações originais, sendo na maioria das vezes reproduções de cartazes, anúncios, capas de DVD ou imagens de filmes e retratos, embora em alguns casos traga referências à configuração material do suporte original. Suas aplicações primam pela integridade das formas e as imagens são usadas pela primeira vez como suportes, a partir dos quais, pela compreensão da relação de sentido empreendida pela forma pela qual os elementos estão ali presentes, o usuário do livro construirá narrativas.

Deste modo, cada livro traz um projeto com especificidades que relacionam sua composição material e conteudística. Sua composição material é entendida como sua dimensão, como a forma do suporte, como a relação firmada entre o código e seu leitor. Sua composição conteudística é entendida como a estruturação do modelo pedagógico – tanto como ele é organizado em seções coordenadas ou subordinadas umas às outras, quanto como cada seção organiza suas atividades, ou como os textos-base ali aplicados são selecionados e com que objetivo o são - e dos conteúdos que se prestam a desenvolver habilidades e competências nos alunos de um determinado ano escolar. O projeto gráfico então é a ponte que liga uma composição à outra, é a impressão que uma deixa sobre a matéria delimitada pela outra, é a interface que abre as portas e cria o

canal pelo qual o leitor pode fruir pelas páginas que descortinarão seus complexos informacionais.

O estudo das três edições permite definir categorias para o uso das imagens no livro didático. A partir do exame detalhado das publicações percebemos duas formas principais para o uso dos elementos visuais que compõem os conteúdos: (a) os elementos de sinalização e (b) os elementos de conteúdo. O primeiro grupo é formado pelas imagens que sinalizam a estrutura da obra, ordenando a navegação pelos conteúdos, limitando as seções e estabelecendo relações hierárquicas de pertinência. Fazem parte deste grupo os grafismos, molduras, abas, formas que definem as categorias de títulos, que marcam o início e o final das seções, que agrupam as boxes em relacionando seus conteúdo a temas, fazendo uso para estabelecer semelhanças e diferenciações a relação por congruência de formas, de cor e/ou de posição na página. Por vezes elementos usam sua posição na página para estabelecer uma relação com o conteúdo ali desenvolvido – denotando o início de uma seção de exercícios, por exemplo – e sua forma ou cor para estabelecer uma conexão com a Unidade temática à qual tal conteúdo pertence. O segundo grupo junta os elementos visuais que trazem informações narrativas que deixar claro seu papel de ator representando peças do universo visual do leitor, representando elementos do ambiente do mesmo. Nesse caso encaixam-se as imagens de abertura de Unidade no livro “Projeto Araribá – Português” que trazem o extrato de um filme, um anúncio ou a foto de um lugar que será objeto de uma observação que trará elementos para a realização de atividades, as inserções de reportagens jornalísticas presentes em “Português – uma proposta para o letramento” ou todas as representações de anúncios, cartazes, capas de filmes, quadrinhos ou imagens usadas como referência da aplicação de conteúdos textuais e não-textuais em outros suportes presentes no mundo do usuário.

No segundo capítulo, ao definir o nosso entendimento de livros didáticos, recorreremos a Choppin (2004) para definir certas funções das edições didáticas. Num artigo onde pretende definir um “estado de arte” para tal qualidade de publicações, o pesquisador define que eles realizam quatro funções principais, sendo elas: referencial, com o livro servindo como tradução do programa de ensino; instrumental, quando o artefato serve como canal para pôr em prática um dado método de aprendizagem, favorecendo pela forma o desenvolvimento de competências e habilidades; ideológica e cultural, servindo aí como um dos pilares essenciais da manutenção da língua e de valores culturais nacionais; e documental, na qual o livro serve como um repositório de documentos (textuais ou icônicos) que desenvolvem no aluno a capacidade crítica. Os elementos visuais presentes nos

livros de certa forma se prestam a realizar tais funções. Apóiam a execução da função referencial, servindo como elementos compositivos da interface que serve de canal para a passagem de conteúdos e desenvolvimentos de competências de um dado programa curricular, colaborando de forma similar na realização da função instrumental, organizando por sua forma um sistema que favorece um método de ensino-aprendizagem. As imagens depositadas nas páginas do livro retratam não apenas o momento em que a publicação é produzida, mas possibilitam a contextualização de documentos de outros momentos históricos, servindo aí tanto à função documental como à função ideológica e cultural, uma vez que a seleção dos atores representados nas páginas da publicação reflete um ponto de vista pelo qual é explorado um dada etapa da história de um povo ou de um país, conferindo papéis a certos grupos sociais ou instituições. O uso dos elementos visuais na edição didática é das principais ferramentas através das quais o livro se conecta não apenas ao usuário, mas a um tempo e a um (ou diversos) ponto no globo.

O volume de dados levantados na análise aqui realizada mostra como os olhares do Design sobre o objeto podem trazer elementos que influam na escolha do livro por parte dos professores. Tal viés de análise traz também informações que adicionam novo retrato do livro didático, auxiliando na constituição de uma visão mais global e possibilitando a conferência do sucesso e da forma como vem alcançando os objetivos didáticos traçados. Se o PNLD tem como função auxiliar os professores espalhados pelo país a conhecerem melhor as edições didáticas disponíveis, oferecendo um embasamento e um ferramental para que ele exerça sua escolha com mais possibilidade de sucesso não seria interessante lançar esse novo olhar sobre o objeto? O levantamento realizado anteriormente das questões presentes no roteiro de avaliação relativas ao potencial da integração entre texto e elementos não-textuais contabilizou algumas perguntas de tal natureza. A ficha de avaliação traz os pontos divididos em categorias e suas respostas são alternativas – positivas ou negativas. Analisando-as podemos sugerir dois agrupamentos. Um preocupa-se com a presença de diversas linguagens na coletânea, questionando se há o emprego de elementos não-verbais integrados aos textos verbais, de créditos ou legendas na apresentação dos textos verbais e não-verbais da coletânea, se o emprego de tais elementos é fiel ao suporte original, se colaboram para a formação do leitor em diversos tipos de letramento ou se exploram a intertextualidade em diferentes linguagens. O outro grupo preocupa-se com o aspecto funcional do projeto gráfico, avaliando a funcionalidade do sumário na localização das informações, a clareza da hierarquia das informações, a

utilização de recursos de descanso visual na diagramação de textos longos, a adequação das ilustrações à finalidade para a qual foram elaboradas e o recurso a diferentes linguagens visuais. Outras questões foram separadas por não fazerem referência direta à integração de linguagem verbal e visual, mas exploram pontos que podem ter sua resolução realizada por tal coordenação de linguagens. Elas avaliam se as atividades de leitura resgatam o contexto de produção do texto, se colaboram com a produção dos sentidos do texto pelo leitor, mobilizando e desenvolvendo diversas capacidades de leitura, se exploram diferentes aspectos discursivos, se propõem apreciações e valorações envolvidas na formação do leitor crítico e se levam os alunos a definir as condições de produção de um texto. Tais perguntas permitem uma exploração complexa se direcionadas a um designer. Ao lançar um olhar com as competências específicas da área, ele pode realizar uma análise mais profunda dos aspectos levantados, colaborando não apenas numa resposta mais detalhada e complexa às questões que relacionam a integração de diferentes linguagens, mas na própria formulação de novos pontos que dêem ao roteiro a possibilidade de juntar mais dados sobre as publicações analisadas. De certa forma, a análise aqui desenvolvida responde a todos esses pontos, trazendo novos elementos à discussão e levantando um número de dados que o texto de síntese da avaliação das obras no Guia não parece dar conta.

Além do que foi visto até aqui, o uso dos elementos visuais para trabalhar interfaces que mediarão os conteúdos que se propõem ao desenvolvimento de competências nos alunos pode ter novas funções. Se a preocupação dos Parâmetros Curriculares Nacionais é com o desenvolvimento de competências e habilidades que permitam ao aluno se tornarem um leitor/produtor de informações (textuais, sonoras, imagéticas) não teria o próprio sistema gráfico do livro um potencial de trabalhar aspectos para uma leitura mais global? Se a integração de linguagens ganha tanta importância na avaliação do suporte didático e como objeto de ensino pelos PCNs, não teriam as imagens uma nova função que oriente sua aplicação? A verificação do uso das imagens nos livros didáticos de língua portuguesa para o 7º ano do ensino fundamental disponíveis no mercado mostrou uma série de funções que elas já encerram, mas também demonstrou que os aspectos que definem a inserção delas nas páginas por raras vezes lhes confere um papel maior. O potencial narrativo da imagem, sua possibilidade de iniciar trabalhos baseados na observação, apurando a análise da linguagem visual e desenvolvendo as capacidades de descrição e expressão intertextual, ainda não parece fazer parte dos critérios de seleção, desenvolvimento e aplicação dos elementos visuais nas coleções didáticas.

O livro didático de língua portuguesa mostrou-se pela análise um tipo de publicação constituída por extratos de diversos outros suportes. Tais extratos formam uma amostra do uso da linguagem em diversos canais de produção textual, muitas vezes integrados à configuração visual do próprio suporte onde originalmente se encontram. Compreendendo tais fragmentos como recortes de outros gêneros discursivos vemos uma vez mais a importância do trabalho visual para a integração de tais inserções. Os gêneros são considerados base para a formação de um aluno capaz de ler e produzir sentidos criticamente, levando em conta os aspectos formais e transmissivos que definem as condições para a produção textual em dado suporte. Desse modo, os PCNs vêm no uso dos gêneros um alto potencial no desenvolvimento de competências ali definidas. As formas que apresentam os textos em uma revista e como a mancha gráfica se relaciona com a imagem relacionada trazem um elemento a mais para a produção de sentidos de um artigo. O Design na leitura pode aí pôr suas competências a serviço de situações de ensino-aprendizagem através de uma reavaliação de seu papel como mediador de uma obra como os livros didáticos de língua portuguesa, compreendendo e ajudando a desenvolver os critérios de legitimação que definem uma condição fundamental para sua produção.